

## Apresentação

### Um século de psicanálise no Brasil: apresentação

É um grande prazer participar da confecção deste dossiê comemorativo do centenário da psicanálise no Brasil. Doutrina que chegou ao país por iniciativa de Juliano Moreira, principal personalidade da psiquiatria local e que desde 1914, além de praticá-la, incentivou seus colegas da Academia Brasileira de Medicina a refletir sobre a temática. Como resultado, já em dezembro desse mesmo ano, sob a direção de Antonio Austregésilo, então presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia e Psiquiatria, a dissertação de conclusão de curso de Genserico Aragão de Souza Pinto, *Da Psicoanalise: a sexualidade nas nevroses*, era apresentada na “cadeira de doenças nervosas” da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e aprovada com distinção. A psicanálise fazia assim a sua entrada na América Latina através de grandes personalidades do meio médico, aos quais nos seus primeiros tempos se acrescentam ainda: Henrique Roxo, Afrânio Peixoto, Franco da Rocha e Arthur Ramos, Durval Marcondes.

Desde então a disciplina percorreu um longo caminho. Com este dossiê, os pesquisadores que aceitaram comemorar esta data nos presentearam com diversas leituras de momentos distintos e acontecimentos diversos que marcaram esse já longo trajeto, porém pouco conhecido. São leituras feitas a partir de abordagens metodológicas e epistemológicas já consagradas na historiografia da psicanálise, mescladas à de pesquisadores que estão dando os seus primeiros passos nesse campo.

Nessa perspectiva, o momento inaugural da chegada da psicanálise no Brasil é contemplado através dos artigos de Francisco Ronald Capoulade Nogueira e de Christian Ingo Lenz Dunker. Aqui é analisado o contexto da produção acadêmica da época, atravessado por diversas filiações, e onde, relembra Dunker, fica clara a inscrição da psicanálise em uma concepção profundamente moralista das práticas sexuais. Por outro lado, também fica reafirmada a importância da tradição francesa nos primeiros tempos de difusão. Mas, a principal importância dessa monografia está em pontuar

de um lado a emergência desse saber no discurso universitário, e de outro, a forma como foi experimentada. Assim, os cinco casos apresentados pelo aluno de Antonio Austregésilo, revelam principalmente a penetração da disciplina na Saúde Pública, no campo da psiquiatria, como clínica para o tratamento da histeria com ênfase na etiologia sexual das neuroses, porém na vertente higienista.

Foi com esse mesmo viés que um pouco mais tarde Francisco Franco da Rocha, o fundador da psiquiatria paulista publicou o primeiro livro brasileiro sobre a temática, *O pansexualismo na doutrina de Freud*, em 1920. Livro analisado por Josiane Cantos Machado, que há anos se dedica à pesquisa historiográfica sobre a psicanálise no Brasil. A autora enfatiza a importância dada à doutrina sobre a sexualidade infantil em espelho com o debate europeu, mostrando uma compreensão positivada da temática pansexualista. Mas revela também o lugar atribuído à *Interpretação dos Sonhos* (1900) para a compreensão da doutrina, em particular a definição de aparelho psíquico e o mecanismo do sonho como meio de acesso aos desejos inconscientes que ele procura tornar acessível ao leitor brasileiro.

Uma vez lançada a doutrina, veremos no artigo sobre “Trajetórias da psicanálise paulista”, de C. Lucia M. Valladares de Oliveira, como em seus primeiros tempos ela circulou livremente por diversos campos de saber, como a literatura, a artes plásticas, a pedagogia, etc. Porém encontrou um verdadeiro espaço de intervenção ao voltar-se para o atendimento de criança, no quadro da construção de um projeto civilizatório, como método preventivo e corretivo das práticas sociais consideradas “desviantes”. Já sua implantação, obedecendo às diretrizes da *International Psychoanalytical Association* (IPA), será longa e só se concluirá com a chegada do kleinismo e as teses de Bion na década de 60. O período seguinte será o da expansão teórico-clínica, principalmente através do lacanismo, para ganhar força nos anos 90 quando conquista os cursos de pós-graduação na Universidade.

De São Paulo nos dirigimos para a Bahia. Essa viagem, fazemos acompanhados da leitura que Maria Odete de Siqueira Menezes faz do percurso de Arthur Ramos, no contexto sócio-político e cultural da sociedade

brasileira dos anos 20 a 30. Ela mostra uma trajetória intelectual excepcional marcada por três tempos. Os primeiros anos de atividade profissional, como psiquiatra e médico-legista em Salvador. Depois, quando ele se transfere para o Rio de Janeiro, para atuar no campo da Higiene mental e investe na Psicologia social. E por fim, sua passagem para a antropologia que o consagrou como personalidade de renome tanto nacional quanto internacional. Nesse sentido ela destaca um leitor de Freud e mesmo um clínico freudiano bastante livre, que se situa na fronteira de diferentes saberes e marcado por inúmeras escolas, das quais extrai conceitos particulares, como o de “inconsciente folclórico”, ou reflexões sobre temática racial, inspirados em uma compreensão também própria de *Totem e tabu*. Este, aliás, um texto muito lido pelas primeiras gerações de adeptos da doutrina e que merece ser estudado.

Continuando a viagem, agora em direção ao sul, encontramos o mesmo olhar atento nas leituras que Ana Maria Gageiro e Sandra D. Torossian fazem do movimento psicanalítico em Porto Alegre. Uma história que, enfatizam as autoras, sofre da “escassez de publicações e pesquisas”. O que não as impede de analisa-la, tanto através de perfis dos primeiros simpatizantes da doutrina, quanto da descrição de acontecimentos que possibilitaram a sua implantação. Um processo que desde cedo se habituou às sonoridades e sotaques vindos tanto da vizinha Buenos Aires, quanto da psiquiatria organicista, e que fez com que as duas disciplinas fossem implantadas ao mesmo tempo e não raro pelos mesmos personagens, a ponto de se confundirem. Elas mostram também a emergência do Círculo Carusiano e principalmente do lacanismo a partir dos anos 70 pela Universidade, nos Cursos de Psicologia, além da chegada dos argentinos fugindo da ditadura em seu país, e que contribuíram para aumentar as possibilidades de constituição de um espaço alternativo ao legitimismo de uma IPA fechada e destinada exclusivamente ao campo médico.

Retornando ao Sudeste do país, outro trabalho inédito de investigação é o de Rodrigo Afonso Nogueira e Fuad Kyrillos Neto, sobre as “Contribuições para uma historiografia da psicanálise em Minas Gerais”. Com essa pesquisa ainda em curso, os autores localizam o movimento literário e uma psiquiatria voltada para questões sociais, muitas vezes de cunho eugênico, como vias

privilegiadas de chegada da psicanálise em solo mineiro, nos anos 1920 e 1930. Porém, apontam as raízes socioculturais católicas conservadoras notadamente na década de 1960, como particularidades que dificultaram a implantação da doutrina que de fato, no caso da IPA só irá deslanchar na década de 1990. E isso apesar do trabalho solitário do hipnoterapeuta Karl Weissman e do então médico Leão Cabernite que publicava artigos sobre a psicanálise na imprensa local, antes de formar-se no Rio com o então recém-chegado analista didata W.Kemper, na década de 50. Eles mostram também como o processo de implantação da psicanálise em solo mineiro tem a particularidade de ocorrer na diversidade das escolas freudianas. É o caso, e não por acaso, do movimento carusiano. Influenciado pelo pensamento existencialista e católico de Malomar Edelweiss, em 1963 ele se instala em Belo Horizonte, no seio da “tradicional família mineira”, após ter fundado Círculo Brasileiro de Psicanálise em Porto Alegre, em 1956, como vimos no artigo de Gageiro e Torossian.

Resgatar a história só faz sentido se ela puder servir ao presente e ao futuro no seu compromisso com a verdade, como nos ensinou Jacques Le Goff. Nessa perspectiva, retornamos à capital carioca onde o trabalho apresentado por Luiz Eduardo V. Moreira, Lucas C. Bulamah e Daniel Kupermann retrança o trágico acontecimento que marcou a história da psicanálise: a colaboração do analista em formação na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), Amílcar Lobo, com tortura durante a ditadura militar e no seu período mais violento. Caso este que retorna agora quando seus herdeiros testemunham na Comissão Nacional da Verdade. Os autores mostram como ainda temos muito para apreender sobre a atitude dos analistas brasileiros durante esse período terrível da história do Brasil, onde ao mesmo tempo em que reinava o medo e o silêncio, a psicanálise assim como as mais diferentes práticas psicoterapêuticas conheciam seus anos dourados. Relembrar para poder sair do silêncio e do esquecimento que conduzem à repetição, que como sabemos é sempre desastroso.

O dossiê se conclui apontando para o futuro, com a entrevista de Richard Theisen Simanke concedida a Capoulade Nogueira e intitulada “Reflexões

sobre a área de pesquisa Filosofia da Psicanálise: um depoimento sobre a sua constituição em São Paulo”. O entrevistado inicialmente retraza o diálogo entre as disciplinas Filosofia e Psicanálise desde os tempos de Freud. Em seguida, relata como esse diálogo se constituiu no âmbito acadêmico paulista a partir da década de 1970. Tanto através de seus aspectos políticos institucionais como intelectuais, pode-se observar a riqueza do debate acerca da viabilidade de uma área de pesquisa sobre a Filosofia da Psicanálise, marcadas pela contribuição de personalidades como, Renato Mezan, Luiz Roberto Monzani, Bento Prado Jr., Osmyr Gabbi Jr.

Assim, com esses trabalhos contamos chamar a atenção para alguns aspectos do grande mosaico que representa um século da psicanálise no Brasil. Uma história com muitas lacunas mesmo entre as regiões onde a pesquisa historiográfica já conta com diversos estudos, e da qual temos muito ainda a explorar.

Esta edição se inscreve nas atividades do grupo de pesquisa *Psicanálise e saúde mental no Brasil: história e perspectiva*, do Núcleo de Psicanálise da Universidade Federal de São João Del Rei. Grupo que nasceu com o propósito de investigar as diversas formas de apropriação da psicanálise no Brasil e que procura refletir sobre a pluralidade das concepções existentes entre nós.

Cabe, por fim, um agradecimento especial ao Prof Fuad Kyrillos Neto, coordenador do Grupo e editor científico desta Revista, que acolheu a ideia de comemoração dos 100 anos da psicanálise no Brasil e também pela sua contribuição valorosa para a construção dessa disciplina no meio acadêmico.

Junho de 2014

**Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira**  
**Francisco Ronald Capoulade Nogueira**  
(Editores convidados)